

DIALOGOS SOBRE VIOLÊNCIA E AUTOFIGURAÇÃO NA ESCRITA LITERÁRIA DE PATRICK CHAMOISEAU

Lívia Maria da Costa Carvalho¹

RESUMO: Com objetivo de expandir as discussões literárias acerca das teorias contemporâneas, o presente trabalho propõe um diálogo sobre a violência e a autofiguração na narrativa do romance *Un dimanche au cachot*, do escritor martiniquense Patrick Chamoiseau. Este ensaio reflete sobre as tensões que ecoam as brutalidades sofridas pelo território e pelo povo antilhano. Inserido no contexto contemporâneo, o romance traz a perlaboração dos traumas do presente através das memórias do passado, que serão desenvolvidas na narrativa das violências vividas por três gerações de mulheres que, durante o regime escravagista, foram aprisionadas e punidas no calabouço de uma velha habitação. Empenhado no debate sobre as problemáticas sociais contemporâneas, Chamoiseau transfere para seus livros determinado desejo de autofiguração, marcando sua aparição por meio de uma corruptela ou pelo uso do seu próprio nome, o que nos revela traços autobiográficos. A autofiguração de Chamoiseau no plano diegético das narrativas constitui-se, portanto, como um reposicionamento do escritor para ouvir as vozes das personagens que foram esquecidas por narrativas com maior respaldo histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Ambiguidade; Autofiguração

RÉSUMÉ: Avec l'objectif d'étendre les discussions littéraires autour des théories contemporaines, le présent travail propose un dialogue sur la violence et l'auto-figuration dans le récit du roman *Un dimanche au cachot*, de l'écrivain martiniquais Patrick Chamoiseau. Ce texte réfléchit sur les tensions qui sont à la base la brutalité souffert par le territoire et par le peuple antillaise. Inséré dans le contexte contemporain, le roman amène la réflexion des traumatismes du présent à travers les mémoires passées, qui seront développées dans le récit des violences vécues par trois générations de femme qui, durant le régime esclavagiste, ont été emprisonnées et punies dans le cachot d'une vieille habitation. Engagé dans le débat sur les problématiques socio-contemporains, Chamoiseau transfère par ses livres un désir particulier de l'auto-figuration, marquant son aspiration au moyen d'une altération ou par usage de son nom propre, ce qui nous révèle les traces auto-biographiques. L'auto-figuration de Chamoiseau sur le plan diégétique des récits se construit, ce-pendant, comme un repositionnement de l'écrivain pour écouter les voix des personnages qui ont été oubliées par les récits de meilleurs soutiens historiques.

MOTS-CLÉS: Violence; Ambiguïté; Auto-Figuration

1. Introdução

A proposta de pensar as escritas poéticas da contemporaneidade nos apresenta a possibilidade de organizar uma crítica que problematize os mais distintos pontos abordados pela literatura produzida em todo o mundo. Os cenários de discussões desenvolvidos dentro do tema da contemporaneidade nos ajudam a construir perspectivas sobre o modo como os discursos elaborados nas narrativas e na poesia de nossas diversas literaturas são atravessados por inúmeros elementos e características de

¹ Mestre e doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco ó UFPE. E-mail: liviacostacarvalho@gmail.com

sua época. Determinamos, portanto, o espaço e o tempo de produção transcorrido a partir da segunda metade dos anos 1980 do século XX, até o ano 2016 do século XXI como o nosso recorte contemporâneo, e observarmos os seguintes temas: a violência e suas ambiguidades; a reescrita da história, por um viés que evidencia os elementos da memória; as questões em torno da escrita autobiográfica e da autoficção.

Nosso principal objetivo é que se torne possível compreender que os diálogos sobre tais pontos tendem ao efetivo alargamento da visão que permeia a crítica acerca da escrita literária nos anos atuais. Para tanto, propomos apresentar, no presente ensaio, as ideias desenvolvidas numa leitura sobre o romance *Un dimanche au cachot*, do escritor martiniquense Patrick Chamoiseau, justamente por se tratar de uma narrativa que destaca e compreende a possibilidade de observar o conceito de contemporaneidade, oferecendo-nos um olhar crítico sobre a autofiguração e a autoficção, além de ser uma reconstrução da narrativa histórica por meio da memória traumática da escravização negra nas Antilhas.

Un dimanche au cachot narra o desenrolar de um domingo chuvoso em que *Caroline* é uma garota que se refugia em um antigo calabouço nos arredores do orfanato onde mora e insiste em permanecer no buraco escuro e sombrio no qual se encontra refugiada de seus medos. Com sua recusa irreduzível de sair daquele abrigo incomum, o assistente social *Sylvain* decide solicitar a ajuda de *Patrick Chamoiseau* que é um amigo que atua na área de educação política e social e para conseguir convencer a garota a deixar o estado de transe que a faz insistir em continuar naquele esconderijo.

No primeiro contato, ao fazer uma leitura sobre o lugar de refúgio da menina, o educador entende que o velho abrigo sombrio é um calabouço, que em tempos anteriores era utilizado para aprisionar pessoas escravizadas da Plantação de cana-de-açúcar na antiga Habitação Gaschette. *Chamoiseau* encontra nos dramas das histórias que povoam a memória do lugar um subterfúgio para ganhar a atenção e persuadir *Caroline* a abandoná-lo em sua companhia. É neste ponto, ao realizar uma perlaboração dos traumas do presente através das memórias do passado, que ele desenvolverá a narrativa das violências vividas por outras três mulheres que durante o regime escravagista foram aprisionadas e punidas nas ruínas da mesma Habitação.

2. A violência e suas ambiguidades

O convite a uma leitura sobre a violência dentro de uma narrativa que aborda o tema da escravização negra na América, no caso específico deste texto, na ilha antilhana da Martinica, talvez pareça uma atividade óbvia de se perceber, porque é impossível não associar imediatamente o uso do termo escravização à violência. A natureza do regime de escravização por si só já é violenta. No entanto, tensionar os processos conflituosos que dela surgiram, e que ainda reverberam em nossas atuais conjunturas sociais de elaboração das identidades culturais, é um trabalho que nos aponta alternativas para novas visões sobre nossas vidas; é pensar, talvez, uma possibilidade de nos libertar das angústias que ainda arrebatam nossos corpos e atormentam nossa memória coletiva.

Refletindo sobre o Caribe, Hall (2009, p.30) nos aponta que a construção dessa sociedade civil tem impregnada em sua origem a violência, e que ela foi inaugurada por um ato de vontade imperial. Essa vontade, ou melhor, esse desejo imperial não tinha em seu horizonte de expectativas qualquer compromisso com as terras e os povos que colonizavam. O objetivo principal foi sempre a exploração de qualquer bem valioso que esses novos territórios pudessem oferecer.

No caso das ilhas antilhanas, o modelo de exploração se deu nas Plantações de algodão, tabaco e cana-de-açúcar: o que desencadeou sérios e decisivos acontecimentos; porque os exploradores europeus, com a crueldade, a arrogância e a ambição de sua natureza, eram incapazes de reconhecer o modo de vida dos povos nativos (Caraíbas e Aruaques) e respeitar suas recusas em realizar os trabalhos nas lavouras. Essa configuração desencadeou uma série de conflitos que resultaram na brutal chacina de milhares de pessoas nas ilhas caribenhas. Portanto, esvaziaram a terra de toda a população que em algum momento poderia reivindicar a pertença enraizada a esse lugar e o Caribe foi obrigado a renascer de dentro dessa violência e através dela (HALL, 2009, p. 30).

A partir daí, a terra das Antilhas não podia tornar-se território, mas sim terra rizomada (GLISSANT, 2011, p. 142). Essa terra rizomada de que nos fala Glissant será constituída dessa maneira porque terá que se reerguer culturalmente a partir das contribuições e dos contatos das mais variadas culturas. Sua formação recebe ao mesmo tempo os elementos de diversos povos de todo o mundo: os hindus e chineses comerciantes; os europeus proprietários e responsáveis pela estrutura oligárquica da sociedade e os povos dos mais distintos lugares do continente africano, deportados através do comércio que os escravizou nas Antilhas e em diversos países do continente americano. Tal emaranhado de povos em relação desencadeará os mais variados choques e tensões culturais.

No livro de ensaios *Poética da Relação* (2011), o escritor Édouard Glissant nos aponta o navio negreiro e a Plantação de cana-de-açúcar como os dois principais lugares onde nasceram e foram cultivados os primeiros problemas das culturas que viveram o sistema de colonização praticado no contexto ocidental. De acordo com o autor, é preciso regressar a esse universo de desumanização para que se possa entender a consistência do que cimta a permanência de nossos traumas, e, deste modo, investir na desconstrução dos atos de violência sistemáticos e naturalizados que povoam nosso imaginário coletivo e que vibram em nossas desigualdades políticas e sociais.

A área da plantação, tendo-se unido às superfícies infinitas da *hacienda* ou do latifúndio, dispersou-se para culminar nesses dédalos de chapa de zinco e de betão onde se joga o nosso devir comum. Mas é nessa segunda matriz da Plantação, depois do navio negreiro, que devemos situar o vestígio de nossas origens, difíceis e opacas. (GLISSANT, 2011, p. 75)

Glissant destaca o caráter ambíguo através do qual se dá o sistema de Plantação, porque embora o regime organizacional se caracterize em um espaço fechado, impermeável e de extrema dominação do trabalho e da vida humana, em todos os lugares da América onde o modelo foi seguido, ele desmoronou brutal ou progressivamente, sem engendrar as suas próprias superações (GLISSANT, 2011,

p.67). No entanto, mesmo com suas estruturas corroídas e destruídas pela própria fragilidade de sua organização social, a Plantação foi (e ainda é) um ponto cuja problemática nos delata as vias através das quais nossas políticas sociais e identitárias se desenvolveram em contradições.

Essa tendência à auto-degradação das estruturas no sistema de Plantação se deve ao fato de existirem grandes inadequações entre seu modelo regimental e as expectativas políticas dos donos de fazendas. Sentenciar um modelo compacto de dispositivo disciplinar (FOUCAULT, 2014, p. 192) a centenas de pessoas, para a implementação de atividades de trabalhos rígidos, sem qualquer reconhecimento da natureza humana desses indivíduos e almejar a permanência do crescimento dos lucros econômicos que as plantações de cana-de-açúcar traziam é a mais óbvia realização da arrogância do sistema imperialista ocidental.

Ora, existe a necessidade institucional de se fazer sustentar uma hierarquia sólida que mantenha total controle sobre os corpos inseridos no contexto da Plantação, e, para isso, é mantido um modelo de relação coercitiva, que de fato subjuga qualquer desejo de independência e reprime completamente a liberdade. No entanto, é justamente na rigidez dessas estruturas o lugar onde residiam os problemas que fomentaram o fim de todo esse processo atroz: a austeridade incessante de seu sistema abriu espaço para o desenvolvimento das fragilidades da Plantação, porque a realidade da violência da escravização negra suscitou a necessidade de revolta, de luta e rebeldia, suscitou o que pode ser denominado como práticas desviantes (GLISSANT, 2014), as quais produziram rasgos nos padrões políticos e abriram uma nova visão sobre as dimensões do que se deve viver em relação com o mundo.

De fato, percebemos que, na natureza da violência, existem ambiguidades complexas, pois os desvios que produziram rupturas no sistema de plantação e o marcaram para sempre progrediram por meio de uma necessária brutalidade. Desses primeiros atos que possibilitaram um novo diálogo a partir do qual mulheres e homens escravizados pudessem sonhar com um novo suspiro de liberdade e que levaram ao fim do sistema fechado de Plantação, o mais simbólico foi a fuga para os grandes morros, o que no contexto antilhano ficou denominado como Marronagem².

Desse modo, gostaria de trazer para as ideias presentes neste texto o fato de que a conjuntura em que se desenvolve a escrita de Patrick Chamoiseau e o próprio contexto diegético do romance *Un dimanche au cachot* se fazem como práticas desviantes para as violências que ainda repercutem nas estruturas identitárias, não só da Martinica e das Antilhas, como também na das demais comunidades que viveram por vários séculos os constrangimentos do sistema colonialista ocidental.

Assim como a fuga coletiva das plantações para os morros é um ato que renova os desejos de revolucionar, renegociar e recriar o mundo em que se vive, através do resgate da liberdade e independência sobre o corpo e o próprio espírito. No romance, a

² O termo *marronagem* é atribuído ao processo de resistência através do qual os negros escravizados na Antilhas se refugiavam em morros e lugares distantes das Plantações, formando comunidades parecidas com os quilombos criados pelos negros escravizados no Brasil. Segundo Damato (1995), a palavra seria uma corruptela do espanhol *cimarron*, nome de uma tribo no Panamá, os Symarrons) que se revoltou contra os espanhóis. A ideia de marron está ligada à ideia de selvagem e também fuga, evasão (DAMATO, 1995, p. 51)

figuração de três personagens femininas revolucionárias, *L'Œubliée*, *La Belle e la manman bizarre* ó cujas narrativas de vida servirão de inspiração para que *Caroline* perceba a atmosfera de seus próprios conflitos ó simbolizam o retorno ao passado histórico que precisamos sempre realizar para transformar as mazelas de nosso presente ainda tão marcado por histórias aviltantes.

L'éccrivain ne voulait pas l'admettre: la <<vérité>> de l'esclavage américain était perdue à jamais le monde, sauf à rester intransmissible dans les songes d'un cachot. Mais, en projetant *L'Œubliée* sur *Caroline*, l'éccrivain entêté lui offrait du présent: il élevait cette mémoire impossible au rang de témoignage. Dans un témoignage, la fiction apparaît moins fictive toute en étant autant. Le témoin donne sa chair à cette fiction qui lui provient d'une expérience directe. Il valide cette fiction par l'impact d'une présence. L'enfant souffrante témoignait pour *L'Œubliée* qui avait, elle aussi, enduré. Par le cri de son corps, *Caroline* s'érigait en témoin, libérait l'éccrivain, l'autorisait à s'emparer de ma parole: d'aller avec à sa pauvre fiction où *L'Œubliée* à son tour témoignait pour l'enfant (CHAMOISEAU, 2007, p. 101)

Chamoiseau, personagem e narrador dessa história, trabalha um diálogo psicológico com os traumas de *Caroline*, projetando nela a imagem de *L'Œubliée*, figura que, durante o regime escravista, viveu várias experiências aterrorizantes naquele velho calabouço das instalações da habitação. Primeiro, ainda na infância, *L'Œubliée* foi esquecida pela mãe na fazenda onde morava, sendo assim criada pelo Senhor, que também era seu pai, mas que com o passar dos anos começa a drogá-la e a cometer contra ela progressivos abusos sexuais; e na fase adulta, o meio-irmão com quem no passado ainda conseguira desenvolver uma frágil linha afetiva, irá torturá-la e prendê-la na mesma masmorra que agora serve de esconderijo para *Caroline*.

É dura e impiedosa a evolução das perversidades narradas nas histórias da vida dessas mulheres. Mas é resgatando esse contexto que o narrador nos mostra o quanto de crueldade pode existir em nós mesmos. Trata-se exatamente da transparência de uma característica da natureza humana sobre a qual devemos nos perguntar sempre a que distância nos estamos mantendo. Distanciamento não para investir em uma fuga a fim de que não vejamos essa realidade abusiva que insiste em acontecer, mas no sentido de que enxergando sua existência e as injustiças dela decorrentes, consigamos projetar e realizar mudanças efetivas, porque é preciso insistir em mudar e é cada vez mais necessário agir.

No texto *Um corpo estranho: civilização e pós-humanismo*, Luiz Alberto Oliveira nos comenta os paradoxos inseridos na política de pensamento da sociedade ocidental já em seus primórdios. O autor assinala, por exemplo, que a disseminada realidade dos gregos como inventores da mais erudita e racional sociedade está completamente permeada pelo traço bárbaro do massacre das guerras militares, difundidas com bastante método e organização.

Mas os gregos, os cultos e racionais gregos, conceberam e implementaram a carnificina como supremo objetivo militar [...] Desde sua gênese, portanto, e ao longo de sua história, o Ocidente sustentou a oposição entre civilização e barbárie, e raramente sem exibir uma inequívoca ambiguidade (OLIVEIRA, 2004, p.303)

O caráter ambíguo da nossa ideia de civilização é também pontuado por Seligmann-Silva (2012) quando nos apresenta as especificidades da repressão política vivida durante o século XX, no contexto da América Latina. O autor destaca a necessidade contemporânea sentida pelos inúmeros centros sociais de retomar os debates sobre esse passado recente e a condição duradoura da violência humana. Para ele, esse retorno progressivo fomenta positivamente as discussões sobre uma ética política que se almejava para além da violência, mas que sempre esteve respaldada em modelos escolares que tenderam a legitimá-la sem contestação, e acrescenta a participação fundamental das manifestações artísticas nessas novas leituras quando diz: aprendemos a ler a literatura e as artes plásticas como trabalhos de inscrição da memória do mal (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 9).

A narrativa de *Um dimanche au cachot* nos oferece, de fato, uma leitura sobre essa memória do mal inscrita em nossos corpos sociais. O jogo psicológico de sua estrutura nos aponta de maneira figurativa o espiral sobre o qual se configura nossas sociedades brutalizadas. Isso é perceptível principalmente porque não há uma marcação linear do tempo no desenrolar do texto, mas os pontos de violência são visitados, em formas diversas, pelas três gerações de mulheres que foram escravizadas e pela própria condição de sofrimento vivida por *Caroline*. O velho calabouço é o marco psicológico e físico para os problemas que serão visitados. No contexto da narrativa, importa menos saber as datas históricas dos acontecimentos que a duração generativa dos suplícios aos quais cada personagem foi (e está) submetida.

A obstinação de *Chamoiseau* desencadeia a escrita de um relato em que o trabalho de rememoração transforma o momento atual, porque, ao reconfigurar o caráter ficcional do texto literário, ele modifica a visão sobre a história da escravização negra. Ao narrar dos ciclos de violência, o educador denuncia justamente aqueles paradoxos que foram questionados nos textos de Oliveira e Seligmann-Silva, já que, na realidade das fazendas de cana-de-açúcar, é o sujeito negro escravizado que tem sua humanidade diluída. É esse sujeito que, em nome da civilização do outro, figurará como bárbaro, e a violência investida contra ele através dos mais rigorosos suplícios é justificada em nome das necessidades sobre as quais a civilização branca/ocidental se ergueu.

Além de apontar tais ambiguidades, a rememoração desses traumas desempenha um papel fundamental para recuperar o conteúdo histórico recalcado pelas abruptas rupturas da escravização. É o que Homi K. Bhabha, assim como o narrador de *Um dimanche au cachot*, reconhece como memorial das histórias que estão excluídas das narrativas oficiais, e que estavam fadadas ao esquecimento.

Um ato de rememoração (seu conceito de recriação da memória popular) transforma o presente da enunciação narrativa no memorial obsessivo do que foi excluído, amputado, despejado, e que por esta mesma razão se torna um espaço *unheimlich* para a negociação da identidade e da história (BHABHA, 2013, p. 316)

Apesar de assustador, o trabalho de perlaboração e narração desses traumas é uma prática necessária em todos os lugares onde o direito de se enunciar enquanto sujeitos no mundo foi eliminado pelas mais lamentáveis formas de violência, em todos os lugares de onde ecoam gritos silenciados através dos séculos, pois esse trabalho se

fundará nas estruturas de uma ponte capaz ãde conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lagerö* (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66).

3. Autofiguração e escrita de si: por uma fazer poético para o coletivo

A escrita poética de Patrick Chamoiseau está elaborada a partir de um engajamento político e social dentro do contexto cultural de seu país, a Martinica. É sempre possível perceber, em diversos romances e poemas do autor, suas buscas pelo entendimento daquelas histórias e expressões culturais que foram obliteradas pelas hegemonias políticas. Para além disso, é possível sentir a busca por uma visão interior e aceitação de si, aceitação desse eu/crioulo³/antilhano/martiniquense.

Empenhado nessa luta, o autor transfere para seus livros determinado desejo de autofiguração, cuja repercussão desencadeia sensações múltiplas em seus leitores, porque embora esteja presente como narrador e personagem em muitas de suas narrativas, marcando sua aparição por meio de uma corruptela ou pelo uso do seu próprio nome, os traços de uma autobiografia são, no máximo, perceptíveis por estarem em ãel sentido de una representación autobiográfica que se esmera en coincidir con un ideal introyectado de sí mismoö (STEIN, 2007, p. 253). A autofiguração de Chamoiseau no plano diegético das narrativas constitui-se, de fato, como um reposicionamento do escritor para ouvir as vozes das personagens que foram esquecidas por narrativas com maior respaldo histórico.

O reposicionamento do escritor é assim um ato político, pois, partindo de modificações do plano individual, suas ações ganham o traçado de um projeto coletivo. E sim, de maneira subjacente, é possível perceber a autorrepresentação do intelectual e o trabalho suplementar que sua presença traz para o texto: seu corpo, sua voz e os desejos de seu espírito estão presentes e adicionam transparência para a narrativa.

Nesse sentido, o fazer literário é transformado em uma atividade que, satisfazendo os valores estéticos de escrita poética, consegue desconstruir a visão distorcida na qual está projetada a cultura crioula de seu lugar, para reconstruir um entendimento próprio sobre si, para, enfim, construir o pensamento da Crioulidade.

Em literatura, mas também nas outras formas de expressão artística, nossas maneiras de rir, de cantar, de andar, de viver a morte, de julgar a vida, de pensar o azar, de amar e de falar o amor, foram mal examinadas. Nosso imaginário foi esquecido,

³ Compreende-se que escrita de Chamoiseau está sustentada no traço crioulo. Seu objetivo é tensionar, entender, buscar o lugar de enunciação desse sujeito transcultural, mestiço criouloizado. Aliar-se às nuances de sua formação e desenvolver a valorização de suas singularidades, de suas diferenças é o intento de seu fazer artístico e político, muito claramente inspirado por Glissant nos ensaios do Discurso Antilhano. A citação abaixo, recortada do texto *Éloge de la Criolité*, segue a reivindicação de uma proposta estética, voltada para a valorização do eu/antilhano/martinicano/crioulo, esse eu que teve sua expressão apagada da história e do lugar, e que precisou reinventar sua história a partir das contribuições desse novos processos e agrupamentos.

õDeclaramos que a Crioulidade é o cimento de nossa cultura e que ela deve reger as fundações de nossa antilhanidade. A Crioulidade é o *agregado interacional ou transaccional* dos elementos culturais carifbas, europeus, africanos, asiáticos e levantinos, que o jugo da história reuniu sobre o mesmo solo.ö (CHAMOISEAU; BERNABÉ; CONFANT, 1990, p. 6)

deixando esse grande deserto onde a fada Carabosse secou Manman Dlo. Nossa riqueza bilíngue recusada se manteve em dor diglósica. Algumas de nossas tradições desapareceram sem que ninguém as examinasse com a intenção de se enriquecer com isso, e, mesmo nacionalistas, progressistas, independentistas, nós tentamos mendigar o Universal da maneira mais incolor e inodora possível, isto é, na recusa do próprio fundamento de nosso ser, fundamento que hoje, com toda a solenidade possível, declaramos ser o vetor estético maior do conhecimento de nós mesmos e do mundo: a *Crioulidade*. (CHAMOISEAU; BERNABÉ; CONFIANT, 1990, p. 6)

Podemos citar, dentro dessa busca por uma nova visão sobre o eu martiniquense presente no projeto literário de Chamoiseau, a escrita do romance de 1988, *Solibo Magnifique*, ou ainda a narrativa de *Texaco*, obra publicada em 1992, e também o livro sobre o qual este ensaio propõe uma leitura, *Un dimanche au Cachot*, de 2007. Há inclusive diálogos intertextuais no corpo do texto das três obras. Em *Texaco*, por exemplo, o narrador, *Marqueur de Paroles Oiseau de Cham*, explica ao seu leitor o modo como foi delineado o que ali está sendo narrado, e cita, já nas últimas páginas do romance, que o episódio no qual descobre a existência do bairro Texaco se deu durante as pesquisas que precisou realizar para a elaboração do livro sobre a vida do falecido contador de histórias *Solibo Magnifique*.

Je découvris Texaco en cherchant le vieux-nègre de la Doum. On m'avait parlé de lui comme d'un ultime Mentô. Je voulais le rencontrer pour recueillir ses confidences (sans trop d'espoir: le Mentô ne parle pas, et, s'il parle, c'est dans trop de devenir pour être intelligible) mais surtout afin qu'il m'aide (même en silences) à me sortir d'un drame: la mort du conteur Solibo Magnifique; je tentais de reconstituer les paroles de la nuit de sa mort, et butais sur l'inf franchissable barrière qui sépare la parole dite de l'écriture à faire, qui distingue l'écriture faite de la parole perdue. (CHAMOISEAU, 2011, p. 491- 492)

Marqueur de Paroles e *Guerrier de l'Imaginaire* são elementos figurativos utilizados por Patrick Chamoiseau em outras narrativas para introduzir nos textos uma imagem alegórica de si mesmo. Essas alegorias representam as falas e as lutas contra a brutalidade que existe nas coisas que não são ditas, naquilo que é silenciado, na violência das dominações invisíveis que submetem o corpo e a alma ao não lugar. Em *Un dimanche au cachot* Chamoiseau se apresentará na figura de um educador, que trabalha seu método pedagógico para ajudar jovens problemáticos. Essa máscara de pedagogo é duplamente inscrita no texto: temos ao mesmo tempo o prolongamento da função de educador, como o autor pode ser identificado, e contemplamos um narrador-personagem capaz de contribuir positivamente para a dissolução dos vazios traumáticos carregados por crianças.

Je porte aussi le masque (par bonheur moins visible, sauf peut-être à Sylvain) d'une sorte d'éducateur. Je suis affecté à de jeunes délinquants. Broyés par les logiques économiques, ils échouent sur la balance d'une Justice rédemptrice. (CHAMOISEAU, 2007 p.22)

Entre ensaios, romances, contos, poemas e demais textos de Chamoiseau, três estão categoricamente definidos pela crítica como autobiográficos, são eles: *Une enfance créole I: Antan d'enfance* (1990); *Une enfance créole II: Chemin d'école*

(1994); *Une enfance créole III: À bout d'enfance* (2005), o que não exclui dos demais a possibilidade de também poderem ser lidos dentro dessa perspectiva autobiográfica.

Segundo a crítica de Lejeune, no ensaio *O Pacto autobiográfico*, a abordagem que pretende categorizar ou definir um texto como autobiográfico ou não deve atravessar não somente a avaliação da presença do nome do autor, ela deve compreender uma dimensão histórica, envolvendo principalmente os contratos elaborados entre o autor e o leitor, pois é num nível global que se define a autobiografia: é tanto um modo de escrita, é um *efeito contratual* historicamente variável. (LEJEUNE, 2008, p. 46).

O romance *Un dimanche au cachot* se configura nessas dimensões do pacto autobiográfico de que fala Lejeune, em que é importante a existência do contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor (LEJEUNE, 2008, p. 45), no qual serão fundamentais, além de seu nome, o título dado, a coleção em que se encontra, a editora que publica, os prefácios e todos os demais elementos que envolvem o contexto global da obra. As alegorias compostas em suas personagens oferecem ao leitor a dimensão histórica dos problemas das nossas dinâmicas sociais e seus conflitos tão insistentes.

Pensar as narrativas das violências vividas por homens e mulheres escravizados presentes na escrita literária de Patrick Chamoiseau é um trabalho que compreende o vasculhamento das memórias reminiscentes da história martiniquense. A brutalidade das opressões e as lutas por resistência apontam as chances de se pensar e entender essas identidades tão problemáticas. Em sua escrita poética e ensaística, Chamoiseau elabora uma compreensão diversa sobre a Martinica, sobre a Crioulidade e sobre suas vivências nesse contexto. O autor propõe a nós leitores e críticos uma leitura acerca de seu país na qual reelabora os olhares e os débitos que a história ainda não contempla, abrindo espaços para a voz de homens e mulheres tributários dos traumas da escravização.

4. Referências

- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CHAMOISEAU, Patrick. **Un dimanche au cachot**. Paris: Gallimard, 2007.
- _____. **Solibo Magnifique**. Paris: Gallimard, 2016.
- _____. **Texaco**. Paris: Gallimard, 2011.
- CHAMOISEAU, P; BERNABÉ, J; CONFIAANT, R. **Éloge de la criolité**. Paris: Gallimard, 1990. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/chamoiseau/index.htm>.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Lisboa: Sextante, 2011.

- HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- OLIVEIRA, Luiz Alberto. Um corpo estranho: civilização e pós-humanismo. In: **Civilização e Barbárie.** São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco F. **Escritas da Violência:** representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina. Vol. 2. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: **Psic. Cin.** Rio de Janeiro, Vol.20, N.1, P.65 ó 82, 2008.
- STEIN, Gertrude; TOKLAS, Alice B.; LANGE, Norah. Una voz femenina en el sistema masculino de los textos autobiográficos. La autofiguración de la diretora de *Sur*. In: **Autobiografía como autofiguración:** estratégias discursivas del yo e cuestiones de género. La Plata: Beatriz Viterbo Editora, 2007.